

**FRENTE AO AGRAVAR DA CRISE
DEFENDER
EMPREGO,
SALÁRIO
E SAÚDE**

**COMBATER O
RACISMO,
QUE DIVIDE
OS DE BAIXO
E FORTALECE
OS DE CIMA**



EDITORIAL

Organizar a classe trabalhadora para os desafios que virão

“Quem vai para o mar, avia-se em terra”, diz o ditado. Para que se devem preparar os trabalhadores neste recomeço pós-férias?

Em primeiro lugar, para uma pandemia que não terminou. É preciso pensar o combate à pandemia como uma política de investimento público e não como uma questão de reprimir a sociabilidade, como fazem as medidas recentemente anunciadas pelo governo Costa.

Em segundo lugar, os trabalhadores têm que se preparar para defender o emprego e o salário. A crise que está aí vai ser profunda e longa, e não acabará com a pandemia. As políticas do governo Costa atacaram os rendimentos através dos layoffs e não impediram os despedimentos. Agora, Governo e patrões vão pedir-nos que apertemos o cinto mais uma vez, agora por causa do “vírus”, dizem.

Mas a culpa não é do vírus, pois não é o vírus que causa o desemprego e a fome, que faz que milhares não tenham acesso à saúde, a condições dignas de habitação e de vida para se resguardarem do vírus. O problema é o capitalismo e os seus governos, num sistema que se organiza para garantir os lucros de uma minoria milionária à custa da destruição física, social, cultural e ambiental da maioria da Humanidade.

Contra a pandemia, a crise e o capitalismo, a nossa vacina tem que ser a organização dos trabalhadores de forma democrática e independente dos patrões. Aos patrões e Governo só interessam os lucros, acima da saúde e da vida digna de quem trabalha. Por isso, apenas os trabalhadores e as suas organizações podem garantir uma gestão e controlo coletivo do funcionamento

em segurança nos locais de trabalho e o regresso às aulas. Apenas os trabalhadores e as suas organizações podem gerir as empresas de forma a dividir o trabalho existente por todos, para trabalharmos menos horas (sem perda de salário), mas trabalharmos todos. Apenas os trabalhadores da saúde sabem os recursos necessários para garantir o combate à pandemia e manter a resposta nos restantes serviços de saúde.

Mas é preciso ir além da maioria burocrática das atuais organizações sindicais e partidárias dos trabalhadores, que têm pouco de democrático e centram esforços em conciliar com os patrões, abandonando os trabalhadores precários e oprimidos à “inevitabilidade” do desemprego, em vez de permitir que sejam os trabalhadores a gerir os seus destinos coletivamente.

Por isso, para defender a saúde, salário e emprego é preciso lutar contra o sistema capitalista e todos aqueles que o sustentam. Aqueles que dizem que a culpa é dos imigrantes, dos negros, ciganos ou refugiados - como diz o Chega - são os que fazem jantares na Quinta do Lago - o lugar mais elitista do Algarve - e escondem os verdadeiros responsáveis da crise, como os donos do Novo Banco, enquanto atacam os setores mais pobres e precários.

Por isso, é preciso unir a classe trabalhadora para se organizar e lutar, nos seus locais de trabalho, nas ruas do país, mas também por uma nova revolução. Mas isso implica combater o racismo, que divide os de baixo e fortalece os de cima. Só assim poderemos vencer, não apenas a batalha contra o Covid e a crise que agora começou, mas a guerra necessária contra o capitalismo.

FICHA TÉCNICA

Capa: Joao Viegas

Revisão de Texto: Érica Lemos

Tiragem: 100

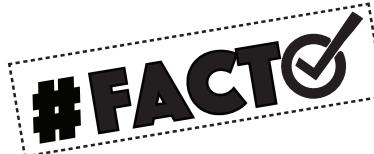
Impressão: AGL Artes Gráficas
Lisboa

Colaboradores: Arnaldo Cruz, Cristina Portela, Jéssica Coelho, Joana Salay, José Luís Monteiro, José Luís Teixeira, José Pereira, Maria Silva, Marina Peres.



André Ventura promove nazis a dirigentes do Chega?

Há três exemplos: Luis Filipe Graça é presidente da mesa da convenção nacional do Chega dirigente e fundador de uma organização neonazi de Mário Machado. Nelson Dias da Silva, Secretário da Mesa, é porta voz da organização “Portugueses primeiros” influenciada por João Martins condenado pelo assassinato de Alcindo Monteiro. Tiago Monteiro líder do Chega em Mafra foi da NOS de Mário Machado.



Fonte: <http://videos.sapo.pt/lcwdpem0AKaZQYhfyAzT>



ENCONTRA PALAVRAS RELACIONADAS COM ESTA EDIÇÃO DO EM LUTA



SOLUÇÃO: bairros, pandemia, racismo, democratas, direita, despedimentos, layoff

Para fazer frente à crise, proibir os despedimentos

A cada crise, sem qualquer oposição dos governos, os patrões mostram a crueldade inerente ao capitalismo, rasgam contratos e mandam para o desemprego milhões de famílias. Nesta crise não está a ser diferente. Apesar dos milhões em pacotes de ajudas às empresas, nos quais se incluem os layoffs, já são centenas de milhares os que perderam o emprego desde o início do ano em Portugal.

ARNALDO CRUZ

Desde março deste ano que o mundo ficou esmagado por um vírus que precipitou uma crise que já se arrastava em relativo silêncio desde a an-

terior. Como temos discutido já em vários artigos deste jornal, a crise económica de 2008/9 não ficou resolvida e várias têm sido as ondas de choque que se têm feito sentir em vários setores. No mundo automóvel, setor industrial

que pode servir de medidor do estado da economia mundial, têm continuado os indicadores de instabilidade, que significam que, do ponto de vista da burguesia do setor, dos grupos económicos como a Volkswagen, a GM, a Toyota, ainda

não se recuperaram as taxas de lucro que existiam antes. É isso que significa a busca por novos mercados que o carro elétrico reflete ou as recorrentes alianças, mais ou menos conjunturais, que temos visto com a fusão de grandes marcas.

PANDEMIA E CRISE

A vacina não faz milagres económicos

Ainda não saímos da crise de 2009 e já vamos a outra queda da economia. Como dizíamos, o vírus precipitou uma crise, mas esta já vinha de antes. Com o vírus, aceleraram-se as fragilidades que a economia acumulava. Por exemplo, em Portugal, uma economia que apresentava uma aparente saúde, ficou explícita a falta de firmeza de um crescimento assente em trabalho precário e baixos

salários, a que o governo da Geringonça não pôs um fim. Os primeiros a sofrer com a situação foram os mais desprotegidos, os trabalhadores temporários e os informais, que perderam o emprego ainda em março deste ano. Se o coronavírus apenas precipitou a crise atual, não sendo a sua origem, também não será da resolução da pandemia que sairá a recuperação económica.



GOVERNO

Governo Costa, um “Robin dos Bosques” ao contrário

Ainda não saímos do período de ajudas do governo Costa às empresas e já se percebe que a política de “salvar” a economia usando o dinheiro do Estado para pagar os deslizes dos privados não resulta. De acordo com Eugénio Rosa, economista, até julho, momento em que grande parte das empresas usavam e abusavam dos layoffs, houve um aumento de mais de 150 mil desempregados, mais de 30%. Por exemplo, a Volkswagen Autoeuro-

pa, empresa com faturações mensais muito elevadas, recorreu ao layoff sem dele precisar e agora prepara-se para despedir muitos trabalhadores a termo. Passando por cima do legalismo, estamos a falar de uma empresa que move milhões, e na qual o peso dos salários é inferior a 5% da sua faturação mensal, poder reduzir postos de trabalho a meio de uma crise sanitária e económica. A isto chama-se crueldade, a isto se chama capitalismo.

SAÍDA

A nossa vida, não os lucros

Nestes momentos de crise, as empresas apresentam estes despedimentos e/ou cortes de direitos como inevitabilidades. Não descurando a crise real das micro e pequenas empresas, que vivem na mentira das ajudas do Estado e que, portanto, não têm capacidade de sobreviver, para as grandes empresas não estamos a falar de sobrevivência, mas sim da tentativa de manutenção de lucros. Face a esta lógica imposta, é necessário levantar uma campanha pela proibição dos despedimentos. Não somos

responsáveis pela organização da economia, não devem ser os trabalhadores a suportar os custos da manutenção de lucros astronómicos das empresas. É necessário lutar pela redução do horário sem perda salarial, é necessário reduzir a idade da reforma, é necessário mirar na “normal” crueldade do sistema capitalista - que para manter lucros astronómicos de uns poucos leva à miséria uma grande parte - para acumular forças para construir um mundo em que não seja o lucro quem manda, mas sim quem trabalha.

A NOSSA CLASSE

“A política da pandemia é mansa com os patrões, mas vampiresca connosco”

No próximo dia 01 de outubro, realizam-se as eleições para a Comissão de Trabalhadores da Groundforce, empresa de serviços de assistência em terra nos aeroportos nacionais. Fomos entrevistar um dos candidatos da Lista A, António Tonga, para saber os objetivos desta candidatura e o que se passa no sector perante os impactos da pandemia na aviação.

ENTREVISTA DE JOSÉ LUÍS MONTEIRO

O que dirias a quem te pergunta: porquê votar na lista A?

Vivemos um período decisivo para os direitos do conjunto dos trabalhadores a nível mundial. Os governos estão apostados em fazer-nos suportar impiedosamente os custos da pandemia e da regressão económica. O nosso setor é um daqueles que está no olho do furacão. Só em Lisboa, seguramente, já passámos os mil precários despedidos, sem contar que, para quem fica, o valor do seu trabalho e direitos decorrentes estão sob assalto. Este é o pano de fundo da situação que envolve as eleições para CT na Groundforce. Juntei-me à Lista A, porque colocamos como principal tarefa a defesa dos nossos postos de emprego (mesmo dos contratados), não caímos no discurso da inevitabilidade dos despedimentos em grupos que com ou sem lucros são geridos sobre uma lógica de ataque aos nossos rendimentos e direitos. Por último, é uma lista que mobiliza os trabalhadores para se organizarem e reflete as lutas e discussões que marcam a actualidade, colocando a bandeira da unidade dos trabalhadores, contra o assédio da patronal, contra a austeridade, contra a conciliação, contra o racismo.

A atual situação de pandemia a nível mundial veio

acelerar a crise económica, cujos sinais eram já visíveis. O setor da aviação, que nos últimos anos esteve em crescimento, vai ser um dos mais atingidos pela crise. Neste cenário, o que podem esperar os trabalhadores?

Basta estarmos atentos à realidade lá fora. Os ajustes e reestruturações têm dois grandes eixos: despedimentos e desvalorização do nosso trabalho. Os trabalhadores não podem esperar, temos de ser proativos de conjunto, para evitar que a política da pandemia nos tire o chão e o teto, bem como o pão das nossas famílias.

Os trabalhadores da aviação têm tradicionalmente taxas de sindicalização elevadas. Como vês a disponibilidade e intenção dos seus sindicatos para enfrentarem as medidas anti-laborais de que, com uma alta probabilidade, irão ser alvo os trabalhadores da aviação?

Em Portugal, mas não só, a maioria do sindicalismo tem feito um percurso de perda de independência face às administrações das empresas, funcionando numa lógica restritiva de obter regalias ou isenções de ataques para um pequeno setor de trabalhadores. Afastaram-se da realidade dos locais de trabalho e



dos trabalhadores. Especializaram-se e eternizam-se. Constituem um poder à parte, com um interesse que, muitas vezes, é totalmente desconhecido dos trabalhadores. Colocaram-nos de parte, em particular aos precários. Quanto mais falam com as administrações mais se afastam dos trabalhadores. Esta forma de atuação retirou o contacto e, sobretudo,

a pressão da mobilização que, historicamente, fez da organização sindical o veículo das necessidades concretas do conjunto dos trabalhadores de determinado setor. Agem agora segundo a agenda de um pequeno setor de trabalhadores, geralmente estabilizado e bem estabelecido no seio das empresas.

Os trabalhadores têm vivi-

do os últimos tempos entre a inquietude dos riscos da pandemia e a possibilidade de que depois do layoff tenham que enfrentar o desemprego. Imagino por isso que não seja muito ânimo para lutarem pelo direito do trabalho. Queres deixar aqui uma mensagem de esperança?

Em primeiro lugar, é importante para quem nos lê não ter dúvidas: a pandemia acelera, sim, a desigualdade social. O vírus não escolhe, mas o sistema capitalista escolhe quem se vai infetar. A política da pandemia é mansa com os patrões, mas vampiresca connosco. Procura convencer-nos de que não há outra forma de enfrentar a situação. Dizemos o contrário! Uma redução do tempo de trabalho significaria a divisão de tra-

forma esta luta se relaciona com a realidade atual de polarização e ataques aos direitos do conjunto dos trabalhadores?

A luta antirracista não se separa em nada da luta contra a exploração e a política da pandemia. Não é por coincidência que as nossas lutas tomaram a dianteira no contexto de pandemia e confinamento. São as negras e negros que, devido ao sistema racista, são maioria entre os trabalhadores precários, com menos poder de compra, que mais longe vivem dos centros, que mais assediados são pelas forças de segurança; e, logo, são os primeiros a sentir a escassez numa situação de confinamento.

Por cá, à semelhança dos EUA, Grã-Bretanha, França, entre outros, a mobilização

“O racismo está e sempre esteve ao serviço de aumentar a exploração capitalista. Não é a toa que vemos Ventura como setor que mais se enfrenta com a luta antirracista, em absoluto silêncio quanto ao destino dos trabalhadores aeroportuários. Por ele, já estávamos no olho da rua há muito tempo!“

lho por todos e recompensaria o sacrifício de todos os que perderam rendimento com o layoff em prol da suposta sustentabilidade do nosso setor e uma redução da idade de reforma no âmbito de um regime de trabalho de desgaste rápido garantiria aos colegas mais velhos uma reforma digna e merecida.

Que escrevamos nós a mensagem de esperança para as nossas famílias e para a nossa classe: a paralisia está ao serviço da destruição dos nossos postos de trabalho, para salvar a face dos patrões e governos e as suas reestruturações.

Tens trilhado um trajeto na luta antirracista. De que

nalista - na qual os trabalhadores racializados vêm roubar trabalho ou viver às custas dos nacionais, sendo que estes devem aliar-se aos patrões - para protegerem os seus negócios e aumentarem ainda mais o nível de exploração. O racismo está e sempre esteve ao serviço de aumentar a exploração capitalista.

Não é a toa que vemos Ventura como o setor que mais se enfrenta com a luta antirracista, em absoluto silêncio quanto ao destino dos trabalhadores aeroportuários. Por ele, já estávamos no olho da rua há muito tempo! Estou na Lista A também porque ela defende a luta antirracista no local do trabalho.

ELEIÇÕES CT

Lista SOS-CT: por uma CT combativa, independente do governo e dos patrões

**JOSÉ LUÍS TEIXEIRA
PORTO**

A deterioração das condições de trabalho tem sido uma constante. Esta precariedade laboral e sobre exploração do trabalho não foi, na verdade, criada pela pandemia; esta apenas acelerou uma tendência já estabelecida por contratos a termo certo e uma falsa utilização de trabalho temporário. Escasseiam transportes e estacionamento para staff nos aeroportos, faltam ou simplesmente nem existem salas de descanso, instalações sanitárias próprias, balneários, vestíbulos e cacos, salas de refeição e refeitórios.

A lista A SOS-CT na nacional e Subcomissões é composta por trabalhadores das mais variadas origens. Temos no nosso elenco trabalhadores com contratos precários e a prazo assim como acima dos 60 anos que deveriam estar dignamente jubilados ao fim de tantos anos de desgaste, mas que a Empresa e o Estado não consideram nem estimam. Orgulhosamente temos nas nossas listas uma boa percentagem de mulheres trabalhadoras. Queremos uma CT combativa, independente do Governo e dos patrões. Votar na lista A SOS-CT é fazer parte de uma alternativa de luta e independência para a classe trabalhadora.



NACIONAL

Pandemia e crise: contra defender os trabalhadores



MARIA SILVA

A hipocrisia capitalista e a dualidade de critérios

Vivemos duas realidades paralelas no país. Por um lado, a pressão à normalização do trabalho e do consumo, como se a pandemia já não existisse. Por outro lado, o medo do

coronavírus, que ainda não tem cura ou vacina e cujos contágios aumentam em toda a Europa.

O governo e a burguesia resolvem esta contradição com a repressão sobre a sociabilidade e a organização coletiva: “está bom para trabalhar, mas não para se reunirem ou

lutarem”. Exemplo disso são as constantes ações repressivas da polícia nos bairros da periferia, em particular sobre as populações mais pobres e racializadas, extremamente expostas a trabalhar sem condições, mas depois sem direito a qualquer lazer ou socialização.

AVANTE EM POLÉMICA

Pelo direitos democráticos dos trabalhadores

Os mesmos que promoveram a ida a restaurantes e outros espetáculos em locais fechados com milhares de pessoas queriam impedir a Festa do Avante. Esta dualidade de critérios tem dois objetivos: só vale a pena o risco de contágio se for para engordar o capital; por outro lado, querem criar uma opinião pública contra o direito democrático dos partidos e trabalhadores

de se organizarem. Podemos concordar ou discordar da realização de eventos de grande porte, mas esta dualidade de critérios não pode existir, pois a única forma de combater os ataques em curso é com a luta da classe trabalhadora. Por isso, são precisas medidas e regras de proteção da saúde coletiva, sim. Todavia, não podemos aceitar restrições às

liberdades democráticas dos trabalhadores e das suas organizações, como aconteceu no Estado de Emergência. Só lamentamos por isso que o PCP tenha aceitado inicialmente o Estado de Emergência contra os direitos democráticos de quem trabalha e que utilize a Festa do Avante para uma política de conciliação com o governo e os patrões, como se viu na sua disponibilidade para uma nova Geringonça.

MÁSCARAS

Necessidade coletiva ou ditadura?

As máscaras são um instrumento necessário de proteção individual e coletiva contra a pandemia em determinados contextos, como espaços fechados, porque sabemos que a transmissão do vírus também de faz no ar. No entanto, somos contra as políticas hipócritas dos governos da direita ou social-democratas em toda a Europa que não garantem máscaras gratuitas para todos e querem transformar a máscara na solução milagrosa, enquanto se recusam a tomar outras medidas de proteção e fazer investimento público que permita verdadeira segurança sanitária nos transportes, no trabalho, nas escolas, etc. O problema da pandemia é uma responsabilidade

coletiva e precisa de políticas públicas em primeiro lugar, que são responsabilidade dos governos que continuam a pôr os lucros, e não a saúde, em primeiro lugar.

Mas falar da “ditadura das máscaras” como defendido por membros do Chega e vários setores da extrema-direita internacional é ignorar o problema da pandemia (como têm feito Trump e Bolsonaro, com milhares de mortos nos respetivos países). É estar-se nas tintas para salvaguardar a vida dos trabalhadores, dos mais pobres e oprimidos – os verdadeiros afetados pela pandemia – que não têm opção se não sair para ganhar o sustento. Esta posição do Chega é por isso coerente

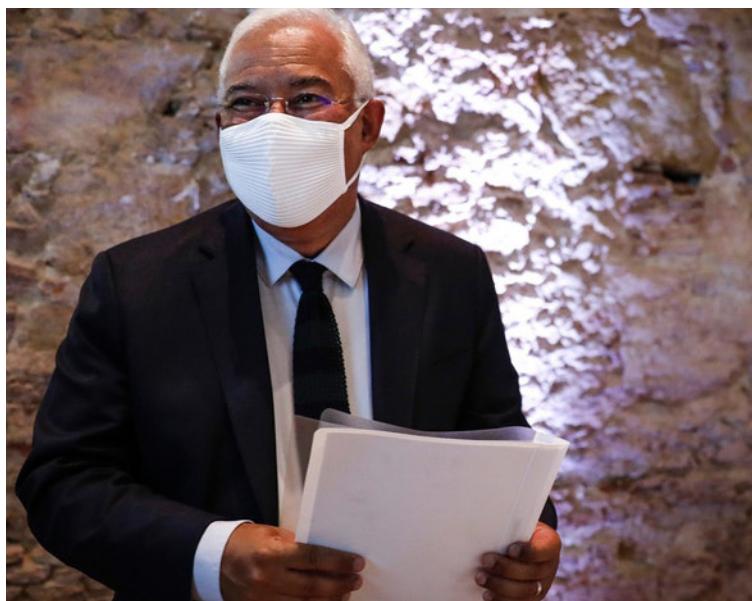


com a sua política de defesa dos ricos – que se protegem nos seus condomínios privados e situações de privilégio – que se expressa na ausência de uma alternativa coletiva para o combate à pandemia e numa

política liberal e antissocial contra os trabalhadores: defesa do mesmo imposto para milionários e trabalhadores pobres, contra o SNS, os direitos laborais, pela liberalização da habitação e dos serviços públicos.

a hipocrisia do capital, e construir alternativas

Cresce o desemprego, os que perderam salário, cresce a fome. Cresce a crise do regime assente no pacto social que se vem desmoronando com as políticas de salvamentos dos patrões, crise atrás de crise. Por isso, cresce a indignação, a revolta e a busca de alternativas.



ECONOMIA

Uma crise económica e social que veio para ficar

A atual crise vem de trás e começou a gerar-se devido às contradições não resolvidas da crise de 2008/2009, tendo-se agravado com o coronavírus. Por isso, os trabalhadores devem preparar-se para uma crise que não terminará com o fim (ainda incerto) da pandemia e tende a ser mais grave que a anterior. Está claro que a pandemia e a crise

económica agravaram as desigualdades sociais.

Acima de tudo, os governos e os patrões já começaram a cobrar a fatura aos trabalhadores, com os cortes dos lay-offs e os despedimentos, que se irão agravar em breve, ao mesmo tempo que acabam as migalhas das ajudas do governo que marcaram o período da quarentena.

POLÍTICA NACIONAL

Na encruzilhada da crise de regime

O governo do PS faz um discurso hipócrita de defesa da saúde, mas deixou o SNS na desgraça nos últimos anos, o que se reflete nas dificuldades em garantir o combate à pandemia em simultâneo com os serviços quotidianos de saúde - levando a milhares de cirurgias e consultas adiadas - em profissionais exaustos e na incapacidade de requisitar os privados, que ainda ganham com a pandemia. Ao mesmo tempo, salvaram o Novo Banco, injetaram dinheiro nas grandes empresas através do layoff e não impediram os despedimentos. PSD e CDS fariam ainda pior, como mostraram na crise anterior.

À esquerda, BE e PCP estão comprometidos com o que aí está. Fizeram parte da Geringonça, que não mudou o país, e abrem as portas à sua reedição. Foram incapazes de combater o Estado de Emergência e a repressão contra as liberdades democráticas.

São coniventes com o layoff e propuseram apenas medidas paliativas para o desemprego e para a precariedade que "não doa tanto".

O Chega tem-se tentado afirmar como oposição ao que aí está, mas por trás de um aparente discurso radical, está uma política para dividir os trabalhadores (entre os brancos e os não brancos) e liberalizar a economia, o que só favorece os ricos.

Perante tudo isto, é normal que os trabalhadores olhem com apreensão para as próximas presidenciais, onde Marcelo aparece destacado como o grande candidato do regime, Ventura polariza à direita querendo fingir de antirregime enquanto serve os ricos, e à esquerda todos os candidatos expressam a moderação de uma esquerda institucional incapaz de meter o dedo na ferida e apresentar alternativas que sirvam aos trabalhadores.

ALTERNATIVA

Unidade para lutar e construir uma saída revolucionária dos trabalhadores

Os nossos baixos salários e os horários exaustivos sustentaram os lucros milionários dos últimos anos.

A CGTP e UGT têm-se centrado nas negociações à porta fechada com os patrões, mas isso não serve os trabalhadores. É preciso não ceder à chantagem de "todos têm que fazer um esforço", construir uma unidade ampla indepen-

dente dos patrões e organizar a resistência dos trabalhadores, para que não sejamos nós a pagar as contas. É preciso unir forças para lutar contra a repressão do governo, contra as ameaças da extrema-direita e o aproveitamento do racismo, do machismo e da LGBTfobia como forma de dividir e oprimir ainda mais os trabalhadores.

Mas é preciso mais. É preciso dizer que dentro do capitalismo não há solução para a pandemia, apenas mais bárbarie humana e ambiental. Por isso, é preciso uma nova revolução para acabar com o capitalismo e construir uma sociedade verdadeiramente socialista, onde os trabalhadores governem, sem opressão nem exploração. Para

isso é preciso construir uma alternativa revolucionária, democrática e independente dos patrões e dos banqueiros, que seja verdadeiramente antissistema, sustentada apenas pelos trabalhadores, pelo seu dinheiro, pela sua força e a sua solidariedade.

O Em Luta está ao serviço dessa construção.

POLÉMICA

CHEGA: um partido amigo dos patrões

De forma oportunista, o CHEGA tem escondido do público aspectos cruciais do seu programa nas áreas económica e social por saber que a sua aplicação seria altamente prejudicial para os eleitores, muitos deles da classe trabalhadora, que querem cativar e contra quem pretendem governar. Vamos neste texto falar de algumas dessas medidas.

JOSÉ PEREIRA

MAIS PRIVATIZAÇÕES

No programa que elaborou para as eleições legislativas do ano passado, o CHEGA afirmou que o Estado não tem como função interferir no "mercado da saúde" como fornecedor de bens e prestador de serviços e que a sua função se deveria resumir à de agente regulador, fiscalizando a ação das entidades privadas, a únicas a quem, segundo o CHEGA, caberia a responsabilidade de prestar cuidados

de saúde. Daqui se conclui que o CHEGA defende a privatização do Serviço Nacional de Saúde.

Quanto à Educação, o CHEGA defendeu a extinção pura e simples do Ministério da Educação. As funções do Estado no ensino passariam a ser apenas de regulação e inspeção e os edifícios escolares seriam oferecidos a entidades que neles estivessem interessados. Por fim, o CHEGA defendeu, por exemplo, a privatização de todas as empresas do setor dos transportes.

ALIANÇAS

Amizades perigosas

O CHEGA é uma organização profundamente enraizada no sistema capitalista português e com conexões ao próprio sistema político, embora grite aos quatro ventos que é antissistema. André Ventura fala contra os privilégios dos políticos como se não tivesse nada a ver com eles, mas foi militante do PSD e chegou a acumular as funções e os vencimentos de deputado e de comentador televisivo.

Uma investigação jornalística

da "Visão" revelou que o CHEGA recebe avultados apoios financeiros de poderosos grupos económicos ligados à venda de armas para forças de segurança e ao antigo grupo BES, cúmplices na falência fraudulenta deste banco e no saque aos trabalhadores que se seguiu.

Por outro lado, o partido de André Ventura tem relações privilegiadas com grupos dos media, com destaque para os donos do Correio da Manhã e da TVI.

IMPOSTOS

Ricos e pobres a pagar o mesmo

Mais recentemente, o CHEGA sugeriu que os contribuintes pagassem uma taxa única de IRS no valor de 15%. Lembre-se que, atualmente, o valor do IRS a pagar por cada contribuinte é definido por escalões consoante os rendimentos auferidos, ficando os escalões mais altos reservados a quem tem maiores rendimentos. Sublinhe-se que o sistema fiscal português já é profundamente injusto, visto que a fatia de leão das receitas fiscais vem dos rendimentos por conta de outrem (salários, por exemplo) e impostos ao consumo (IVA).

Os lucros das grandes empresas passam ao lado do fisco, para além de lhes ser dada a possibilidade de localizarem as suas sedes em lugares onde o sistema fiscal lhes é ainda mais favorável.

Uma taxa única de IRS nos termos em que o CHEGA propõe significaria que todos os contribuintes pagariam o mesmo independentemente de ganharem muito ou pouco, o que aliviaria a carga fiscal sobre os mais ricos e agravaría as injustiças de um sistema de impostos já de si iníquo.



RACISMO

Ódio racial ao serviço da burguesia

Para além de enganar a classe trabalhadora contando mentiras que associam a comunidade cigana ao Rendimento Social de Inserção e os negros à criminalidade, estas mesmas afirmações inflamam o ódio racial e contra estrangeiros que já existe na sociedade por-

tuguesa. Este ódio só serve os capitalistas, pois permite a existência de diferenças salariais e da precariedade que prejudicam negros, negras e imigrantes e que são, já hoje, responsáveis pela baixa de salários do conjunto da classe trabalhadora.

Por isso dizemos que é necessário combater o racismo da extrema-direita, do Estado e da sociedade no seu conjunto, mas também dos governos que governaram depois do 25 de abril, nos quais se inclui o governo da "Geringonça" e o atual executivo PS de António Costa.

Mas se é o conjunto do sistema político e económico capitalista que é cúmplice e beneficia do racismo, esse mesmo sistema deve ser destruído pelo conjunto dos trabalhadores, envolvendo negros e imigrantes.

Toda a solidariedade ao Danilo Moreira e aos visados pelas ameaças racistas e neonazis: é preciso organizar uma mobilização unitária em resposta!

No mês de agosto, vieram a público gravíssimas ameaças feitas a dez dirigentes antirracistas e antifascistas, dizendo-lhes que se não deixassem o país em 48 horas eles e as suas famílias sofreriam as consequências. Entre eles, o ativista Danilo Moreira, presidente do STCC – Sindicato dos Trabalhadores de Call-center e militante do Em Luta.

MARINA PERES

Moções de repúdio às ameaças foram enviadas de vários países, como Estado Espanhol, Itália, Alemanha, Grã-Bretanha, Bélgica, Chile, Argentina, Costa Rica, Brasil, Colômbia, numa importante campanha de solidariedade. O STCC, a Casa Sindical, a Rede Internacional Sindical de Solidariedade e Lutas e a Conlutas foram algumas das organizações sindicais que enviaram moções. As queixas foram apresentadas à polícia por alguns dos visados. Danilo prestou declarações no inquérito aberto para investigação e requereu medidas de proteção ao Ministério Público. É urgente a rápida apuração e punição dos responsáveis! Entretanto, não basta esperar que as instituições da demo-

cracia dos ricos nos defendam. As ameaças, uma marcha “à la Ku Klux Klan” à porta da SOS Racismo e o ataque à associação Disgraça são parte de uma escalada de caráter racista e fascista, com o intuito de intimidar e fisicamente destruir organizações antirracistas e antifascistas.

O governo Costa, do PS, disse repudiar as ameaças, mas não se pronuncia sobre o seu caráter racista e nada tem feito para combater esta escalada de crimes racistas, apurá-los e punir os responsáveis.

Para responder a esta escalada, é imprescindível organizarmos uma mobilização unitária, que reúna os movimentos antirracistas, as organizações operárias e sindicais, e todas as organizações democráticas, em defesa das liberdades democráticas!



INJUSTIÇA

Basta de injustiça racial: liberdade já para Deisom Camará!

Deisom Camará é um jovem de 22 anos, soldado dos Comandos, que se encontra há quase 2 anos em prisão preventiva, acusado de matar um camarada com o qual cumpriu missão fora de Portugal. Já está há alguns meses à espera de resposta ao recurso e se este for negado será condenado a 12 anos de prisão.

MARINA PERES E JÉSSICA COELHO

A prisão dele é criminosa, uma vez que não teve direito a presunção de inocência, numa situação em que não existiam provas suficientes para a sua acusação. A própria perícia no processo não pôde descartar a hipótese de ter havido suicídio

- a acusação contra Deisom é, na verdade, um bode expiatório, que livra a Justiça de investigar e apurar verdadeiramente a morte de um soldado sob responsabilidade do Estado. O direito à presunção de inocência, um dos direitos mais elementares que deve ser garantido a todos os cidadãos numa sociedade democrática, foi-lhe negado. E a facilidade

com que se condensa um jovem a 12 anos de prisão sem provas só se explica como fruto do racismo. Porém, o caso do Deisom não é um caso isolado: as liberdades e garantias dentro do capitalismo, além de voláteis, não são as mesmas para todos.

Há uma justiça para pobres, e outra para ricos. Há uma justiça para negros, e outra para

brancos – não por acaso, enquanto 1 a cada 736 cidadãos portugueses está preso, 1 a cada 73 cidadãos dos PALOPs está preso.

É necessária uma ampla campanha para escancarar a seleitividade social e o racismo estrutural desta Justiça.

Liberdade para Deisom Camará, já!

INTERNACIONAL

A revolta negra nos EUA não cabe numa urna eleitoral

As maiores manifestações antirracistas nos EUA desde os anos 60 do século passado apresentam exigências de democracia racial que transcendem em milhares de anos-luz o raquítico programa do Partido Democrata de direitos sociais e a reacionária trajetória política do seu candidato presidencial Joe Biden.

CRISTINA PORTELA

Breonna Taylor, George Floyd, Rayshard Brooks e Jacob Blake são algumas das pessoas negras assassinadas ou gravemente feridas pela polícia nos últimos meses nos Estados Unidos da América. Para protestar contra o ra-

cismo e a violência policial e exigir justiça, milhares tomaram as ruas das principais cidades do país. A revolta tem sido reprimida com dureza pelas forças de segurança; Trump manipula no sentido de responsabilizar os jovens manifestantes pelo lastro de destruição causado pelos confrontos.

JOE BIDEN

Um passado pouco recomendável

Biden foi um apagado vice de Obama, possivelmente para não chamar a atenção para uma trajetória política marcada por dois fatos bastante desabonadores para quem se quer posicionar como defensor dos direitos das minorias. Na década de 1970, como senador, ele opôs-se à lei que impunha o fim dos autocarros exclusivos para estudantes negros e brancos, com o objetivo de eliminar a segregação racial nas escolas. Em 1994, defendeu uma lei de combate à criminalidade que resultou no

encarceramento em massa de pessoas negras. Por isso, não faz sentido apresentar o voto nos democratas nas próximas eleições presidenciais como a alternativa das lutas pela igualdade racial. Assim o fez, por exemplo, o filho mais velho de Martin Luther King na celebração, em agosto passado, do 57º aniversário do célebre discurso "I have a dream". "Precisamos que você vote como se as suas vidas, o nosso sustento e a nossa liberdade dependessem disso", clamou ele.



MOVIMENTO

A saída não virá das eleições

A verdade é que, por mais importante que seja afastar Trump da presidência, a vida dos afro-americanos, o seu sustento e a sua liberdade só serão garantidas pela continuidade da sua luta. O que Obama, o primeiro e único presidente negro norte-americano, não

garantiu, não será Joe Biden que o fará. Como perguntou o colunista negro Jerry Brewer, no The Washington Post, a 21 de agosto: "Os democratas adotaram Black Lives Matter como slogan. Mas tem Biden um plano para o tornar real?" A resposta é não.

PRESIDENCIAIS

Trump: repressão e racismo

A menos de dois meses das eleições presidenciais, Trump tem apoiado as ações da polícia e da extrema-direita contra a população negra e procurado beneficiar-se eleitoralmente do conflito, apresentando-se como o único capaz de impor a lei e a ordem para pôr fim ao caos supostamente provocado pelas manifestações antirracistas. Trump chegou ao cúmulo de sugerir que o adolescente que matou dois manifestantes do Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), o movimento que lidera a luta negra no país, durante protestos contra a agressão ao afro-americano Jacob Blake, em Kenosha, no estado de Wisconsin, agiu em legítima defesa.

Acossado pela sua catastrófica gestão da pandemia, que transformou os EUA no campeão mundial de mortes por coronavírus, e pela alta do desemprego, Trump procura desviar

o eixo do debate apontando o dedo para os ativistas negros e para... Joe Biden. Este, pressionado por uma maioria contra a violência policial, e por setores importantes do seu partido, foi praticamente obrigado a incorporar reivindicações do Black Lives Matter no seu programa, mas tenta moderar com medo de ser punido nas urnas pelos eleitores mais conservadores.

Durante a sua passagem por Kenosha, por exemplo, não se limitou a solidarizar-se com a família de Jacob Blake e a condenar o racismo. "Queimar comunidades não é protesto", disse ele à imprensa, criticando os manifestantes, mas eximindo-se de repudiar a brutalidade dos policiais contra eles. "A violência desnecessária não nos curará. Precisamos acabar com a violência - e unir-nos pacificamente para exigir justiça." - postou Biden no twiter.

Belarus: mais uma vez o PCP de mãos dadas com ditadores

Desde as eleições presidenciais que a Belarus está em polvorosa. São constantes as manifestações por eleições livres. A repressão estatal cresce e pelo mundo já são muitos os que condenam o Governo e não reconhecem as eleições. No entanto, cá em Portugal, o PCP posiciona-se ao lado do ditador Lukashenko. Fica-nos então a pergunta: por que razão o PCP apoia tantos ditadores pelo mundo?

JOANA SALAY

O QUE SE PASSA NA BELARUS

As grandes manifestações começaram após as eleições presidenciais de 9 de agosto, que se deram sem possibilidade de fiscalização independente, sem observadores internacionais, e ocorreram num grande clima de repressão. Ainda assim os comícios da oposição reuniram milhares de pessoas pelo país. Contudo, o resultado eleitoral foi de 80% para Lukashenko, que já está há 26 anos no poder.

Para além do questionamento ao processo eleitoral, a Belarus também é afetada pela pandemia e a crise económica mundial. Lukashenko não atuou perante a pandemia e afirmava que o vírus era uma psicose, ao mesmo tempo em que aumentam as demissões no país e a perda de rendimentos.

Com esta combinação entre as necessidades democráticas do povo e a crise social que se espalha pelo mundo, é que as manifestações e greves operárias passaram a serem constantes pelo país. Os nomes das fábricas são repetidos nas manifestações: MTZ, MZKT, Soligorsk, MAZ e quando as bandeiras da MTZ entram nas manifestações provocam grande entusiasmo. A repressão do Estado também é muito forte totalizando já quase 10 mil presos, e há relatos de torturas e violações sofridas pelos presos políticos.



A POSIÇÃO DO PCP

(...)

Perante este processo, a posição do PCP, expressa no Jornal "Avante!" é de que as manifestações em Minsk são controladas pelo estrangeiro. E reconhece as eleições como legítimas, localizando a repressão aos manifestantes como uma reação das forças repressivas às "provocações". Reivindica inclusive as supostas manifestações em apoio a Lukashenko e a participação ativa do Partido Comunista da Belarus.

O PCP tenta pintar uma imagem de Lukashenko como um resistente aos EUA e uma continuação da experiência sovié-

tica. Como podemos ver neste relato publicado também pelo "Avante!" em 2006: "Em tempos de traição e de reescrita da história ao sabor dos interesses, guarde-se o exemplo bielorrusso. O povo e os seus dirigentes não se envergonham do seu passado socialista, muito pelo contrário. As autoridades afirmam publicamente querer manter o que de bom a experiência soviética teve." (...)

Como podemos ver, mais uma vez o PCP coloca-se a apoiar ditadores, como faz com o regime angolano, chinês, da Coreia do Norte, na Síria, Venezuela, entre outros. Este posicionamento não é apenas

um erro de cálculo político, mas antes de tudo é uma concepção ideológica chamada estalinismo.
(...)

DEFENDER A CLASSE TRABALHADORA NA BELARUS É ESTAR AO LADO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

Defender o povo na Belarus não é estar ao lado de um ditador contra uma supostaingerência imperialista, mas sim afirmar que quem deve decidir os rumos do país deve ser o povo, e não Putin ou a União Europeia. Tampouco é correto afirmar que há um campo dos manifestantes apoiado pela UE contra o outro campo progressivo, representado por Lukashenko e Putin. Tanto a UE, como Putin, querem o mesmo da Belarus: o seu controle através de um regime burguês em detrimento da autodeterminação do povo.

Para que se possa conquistar eleições livres, assim como a soberania nacional, a saída para a Belarus é que o povo, com a classe operária na vanguarda, tome o poder nas mãos e possa decidir os rumos do país. Não basta acreditar que reformas no regime ou no capitalismo poderão garantir as necessidades do povo trabalhador, é preciso ir além na construção de uma nova forma de sociedade que só será possível com o povo no poder.

**LÊ O ARTIGO NA
ÍNTEGRA NO NOSSO SITE**

NOTA: Utilizamos o nome Belarus, reivindicado pelo povo do país, ao invés do nome Bielorrússia, nome usado na Rússia com o objetivo de impedir a autodeterminação do país

Frente à pandemia e à crise social

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA DOS TRABALHADORES

**VEM CONHECER O
EM LUTA**

www.EMLUTA.NET



@JORNALEMLUTA



@EM.LUTA.LIT



@JORNAL EM LUTA



INFO@EMLUTA.NET